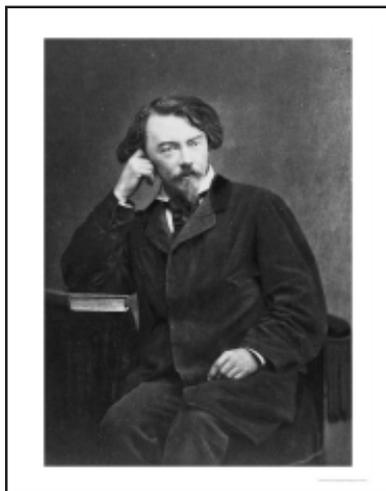


**POSITIVISMO, POLÍTICA E EDUCAÇÃO:
NOTAS ACERCA DO PENSAMENTO POLÍTICO COMTIANO**

Gilmar Henrique da Conceição



RESUMO: Este artigo busca fazer uma aproximação preliminar entre os aspectos político-educativos do positivismo. Nossa análise está circunscrita ao pensamento de Augusto Comte em suas relações com o contexto econômico-social do capitalismo do século XIX e algumas idéias emergentes do socialismo. Pensar é função da vida e, nesse sentido, está vinculado à economia (isto é, às condições materiais de sobrevivência), à política (entendida como convivência social) e à educação (processo pelo qual a humanidade forma a si mesma a partir de determinadas concepções). Em sua “Teoria do Estado”, Comte fez a consagração da propriedade privada subordinada às necessidades sociais como algo inerente à ordem social, compreendendo que a sociedade moderna é eminentemente industrial e foi enfático na rejeição do marxismo. Comte queria retificar o capitalismo e não destruí-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Positivismo; Partido; Estado; Revolução.

ABSTRACT: This article search to make a preliminary approach between the politician-educative aspects of the positivism. Our analysis is involved to the thought of Augustus Comte in its relations with the economic-social context of the capitalism of century XIX and some emergent ideas of the socialism. Think is function of the life and, in this sense, is linked to the economy (the material conditions of survival), to the politics (understood as social experience) and to the education (process for which the humanity forms same itself from determined conceptions). In its “Theory of the State”, Comte made the consecration of the private property subordinated to the social necessities as something inherent to the social order, it understood that the modern society is eminently industrial and was emphatical in the rejection of the Marxism. Comte wanted to rectify the capitalism and not to destroy it.

KEYWORDS: Politics; Positivism; Party; State; Revolution.



1. INTRODUÇÃO

De nosso ponto de vista, as tendências e correntes filosóficas são “partes”, portanto são espécies de “partidos” na medida em propõem explícita ou implicitamente um projeto de sociedade. O conflito pela hegemonia também ocorre com as diferentes interpretações. Assim, as matrizes teóricas – como o positivismo, por exemplo – são fundamentos para a educação, visto que a educação é uma prática orientada por uma concepção. Na realidade, todo filósofo é educador na medida em que propõe uma nova consciência e a educação está imbuída de conceitos filosóficos, valores e finalidades. Daí o nosso entendimento de que Comte é também um educador que militou de acordo com a sua concepção de homem e de sociedade, ainda que isto possa causar estranheza para algumas pessoas. A filosofia é sempre política e as escolas filosóficas não são neutras nem imaculadas; elas condicionam os valores, as relações, as descrições e as interpretações e por isso entram em conflito umas com as outras.

Como já havia escrito Aristóteles em sua *Política*, o homem é um animal essencialmente político e sociável. De forma que é impossível para o ser humano viver absolutamente só como uma mônada “sem portas e sem janelas” (LEIBNITZ, 1973). Sozinho ele não pode nascer, não pode crescer, não pode educar-se plenamente humano. O menor dos atos humanos e qualquer realidade, por minúscula que seja, estão envolvidos por aspectos políticos e sociais que os orienta e os envolve. Nesta perspectiva, os problemas políticos e sociais adquiriram importância fundamental e tem ocupado os pensadores em todos os tempos. As questões políticas referem-se à origem e à fundação do Estado, à sua organização, à sua melhor forma, à sua função e a seu fim específico, à natureza da ação política e suas relações com a ação moral, as relações entre

Estado e pessoas, entre Estado e igrejas, entre Estado e partidos, sindicatos, associações, entre Estado e movimentos sociais.

Desse modo, a questão da origem do Estado, da sua estruturação e da sua melhor forma foi debatida quando guerras e revoluções minaram um determinado Estado, ou a uma forma de governo para implantarem outro. Somente para mencionarmos algumas; isto ocorreu na Grécia – no século V – em decorrência da guerra com os persas, das guerras entre Atenas, Esparta e Tebas e das guerras civis nas cidades-Estado e tais problemas levaram Platão, Aristóteles e os sofistas, por exemplo, a examinarem a origem do Estado, da sua função e da sua forma ideal. As chamadas revoluções burguesas e as revoluções socialistas, ao destruírem determinados Estados, também colocaram novas questões sobre os novos Estados a serem erigidos.

O racionalismo e o empirismo esboçaram um novo tipo de cultura centrada no ser humano e preocupada com a sua dimensão terrena. Todavia, ao explorarem as capacidades humanas, ante a natureza e a história, os pensadores do empirismo e do racionalismo se aperceberam dos limites aos quais os seres humanos estão sujeitos. Assim, o ceticismo de Hume e o criticismo de Kant realizaram uma crítica aguda da razão humana. No movimento filosófico a que se seguiu, os idealistas alemães, Hegel por excelência, revelaram as últimas possibilidades do ideal iluminístico de uma razão asséptica e abstrata. O hegelianismo expressou o entusiasmo revolucionário que se apoderou na França e, posteriormente, de toda Europa, de modo que a Revolução Francesa amadureceu um processo iniciado séculos antes, dando início a uma nova etapa. Porquanto o século XIX foi o século das interpretações da razão, como surgindo da matéria, dos fatos, do embate das forças econômicas e políticas.

Tratou-se, como usualmente se diz, do “século do materialismo”, visto que é nele que

surgiram o positivismo, o materialismo-histórico e o materialismo monista-evolucionista. Dentre os escritos sobre o positivismo, podemos pontuar o pensamento de Comte situando-o no debate que se dá entre três posicionamentos fundamentais: o de seus discípulos heterodoxos que divergem em alguns aspectos do pensamento de Comte, o de seus seguidores ortodoxos que acatam integralmente o seu pensamento e o de seus críticos. Em termos de investigação, nos três posicionamentos mencionados encontramos material interessante para análise. A respeito do positivismo, portanto, há estudos críticos primorosos e análises profundas, da mesma forma encontramos algumas deformações do pensamento comtiano tanto naqueles que o criticam como dentre os seus seguidores exacerbados.

O positivismo teve o mérito inegável de chamar a atenção sobre a concreção e positividade da experiência, bem como a importância que as ciências passaram a ter para a filosofia. Portanto, a contribuição principal de Comte foi sua adoção do método científico como base para a organização política da sociedade industrial contemporânea. Dessa forma, o positivismo é fruto da consolidação econômica da revolução pela burguesia expressa na Revolução Inglesa e na Revolução Francesa. As ciências empíricas passaram a tomar frente às especulações filosóficas “meramente idealistas” o que levou Comte a buscar a síntese do conhecimento positivo na primeira metade do século XIX, especialmente da física, da química e da biologia. Seu objetivo era a formulação de uma “física social” (a sociologia) que reformulasse o quadro social conflitante decorrente das novas relações de trabalho do capitalismo em sua forma industrial. Em sua “Teoria do Estado”, Comte fez a consagração da propriedade privada como algo inerente à ordem social, compreendendo que a sociedade moderna é eminentemente industrial e foi enfático na rejeição do marxismo.

De modo mais específico se considerarmos que “teoria do Estado” significa uma elaboração intelectual definindo os principais atributos do poder político em uma sociedade, estabelecendo suas relações com os diversos grupos sociais, suas funções e formas de atuação e de legitimação, além de sua evolução ao longo do tempo – então, sem dúvida, Augusto Comte possui uma “teoria do Estado” (LACERDA, 2004, p. 63-78).

2. DESENVOLVIMENTO

O positivismo surgiu do interesse de Comte em libertar o homem das crenças religiosas e da especulação metafísica, calcada na objetividade, de tal forma que a sociedade deveria ser encarada como objeto de pura observação e considerava pura pretensão a busca pela verdade absoluta ou a idéia de sociedade justa. Como veremos, Comte se vinculou a todo aquele grupo de sua geração que pretendeu reformar a sociedade e organizá-la sobre novas bases. O positivismo foi uma destas correntes de pensamento que disputou os corações e as mentes opondo-se ao liberalismo e ao socialismo.

No pensamento de Comte, o fim da filosofia é a organização das ciências, hierarquizadas em seis. Na base desta pirâmide está a matemática, seguida da astronomia, física, química, biologia e sociologia. No *Discurso Sobre o Conjunto do Positivismo*, Comte procurou dar os diversos sentidos que ele compreendia pelo termo *positivo* — “orgânico”, “preciso”, “certo”, “útil”, “real”, “relativo”, “simpático” —, passando a ter, também, em seu pensamento, significação moral. *Certo* corresponde ao fenômeno matemático; *preciso*, ao astronômico; *real*, ao físico; *útil* ao químico; *orgânico*, ao biológico; *relativo*, ao sociológico; e *simpático*, ao moral.

Neste escrito, partindo dessas características do positivo, Comte esboça uma

significação moral e social mais ampla, de reorganização da sociedade, com predomínio do coração e dos sentimentos sobre a razão e a atividade, culminando na “religião da humanidade”. Portanto, Comte partiu dos sentidos do termo “positivo” para atingir uma significação moral e social maior, a fim de reorganizar a sociedade, com a supremacia do amor e da sensibilidade sobre o racionalismo. O apogeu dessa idéia é a religião da humanidade. O pensamento positivista passou, então, a preconizar também uma teoria de reforma da sociedade e uma religião. A unidade do conhecimento positivo passou a ser coletiva, em busca da fraternidade universal e da convivência em comum.

A junção entre teoria e experiência estava assentada no conhecimento das ações repetitivas dos fenômenos e sua previsibilidade científica. Assim, é possível o aprimoramento tecnológico em que o estado positivo corresponde à atividade fabril e à transformação da natureza em mercadorias. Porquanto, se entendermos a ciência como a investigação da realidade física, o positivo é o objeto e o resultado desta investigação. Dessa forma, a sociedade também é passível dessa análise e a fase positiva será caracterizada pela passagem do poder político aos sábios.

O avanço científico europeu do início do século XIX – decorrente da Primeira Revolução Industrial – fez com que os seres humanos acreditassem em seu completo domínio da natureza. Conseqüentemente, o positivismo surgiu como uma corrente de pensamento que buscava justificar o predomínio da ciência e do método empírico sobre os “devaneios” metafísicos da religião, sobretudo do catolicismo.

Como já ressaltamos, é inegável que o positivismo deu uma contribuição fecunda para o campo prático, técnico e aplicado. A Revolução Industrial no século XVIII – expressão do poder da burguesia – demonstrou a eficácia do novo tipo de conhecimento trazido pela ciência moderna. De modo que ciência e técnica

aliaram-se, produzindo modificações profundas. A eficácia deste novo tipo de conhecimento levou à concepção segundo a qual a ciência foi considerada o novo conhecimento possível e o método das ciências da natureza o único válido, devendo ser estendido a todos os campos da indagação e atividade humanas. O positivismo retomou, portanto, o enfoque desenvolvido pelo empirismo do século XVII apoiando-se na crítica feita por Kant à metafísica, no século XVIII. Levou às últimas conseqüências o papel atribuído à razão de descobrir as relações constantes e necessárias, ou seja, as relações invariáveis que os regem. O que vale dizer: o positivismo deu uma interpretação unilateral do criticismo kantiano que havia designado como limite da razão o mundo da experiência e negado a possibilidade de uma metafísica como ciência.

Para Comte, toda pessoa encontra-se submetida à consciência coletiva; por isso tem pouca possibilidade de intervenção nos fatos sociais. Considerava também que a ordem da sociedade é permanente, à imagem da invariável ordem natural e, do mesmo modo, os fenômenos sociais poderiam ser reduzidos a leis da mesma maneira que as órbitas dos corpos celestes haviam sido explicadas pela teoria gravitacional.

Comte é herdeiro da Revolução Francesa, todavia, enquanto o liberalismo clássico foi expressão do período revolucionário da burguesia na luta pelo poder político, o positivismo expressou a fase triunfante desta classe social. Do ponto de vista político, porém, Augusto Comte expressou receio pelos resultados mais radicais da Revolução Francesa. Ele entendia que a sociedade se encontrava numa fase de desorganização social. Daí ser considerado por muitos o “filósofo da ordem”. O pensamento de Comte ressalta algumas idéias centrais, tais como a pátria, a religião, o trabalho, a família, a propriedade, não desenvolvendo, com a mesma ênfase, preocupações com uma teoria do Estado e com

a economia política, por apresentar um outro entendimento teórico-metodológico, visto que para ele a economia política demonstrava total incapacidade de pensar as questões sociais. De acordo com Herbert Marcuse, no pensamento comtista, *progresso* tinha o significado, em si, de ordem – não significava revolução, mas evolução harmoniosa da ordem social sob leis naturais perenes (cf. MARCUSE, 1978).

Fundamentalmente é a idéia de “ordem” que se destaca em sua preocupação com a sistematização da filosofia, levando à necessidade de classificar as ciências e todo o conhecimento em limites estanques. Inclusive, a palavra “ordem” significa – ao mesmo tempo - “arranjo” e “mando”. Neste sentido, Comte escreveu que nenhum grande progresso pode efetivamente se realizar se não tende finalmente para a evidente consolidação da ordem.

Comte, inclusive, concebeu a criação de uma “ciência social” e de uma “ciência política” e escreveu os enormes volumes do *Sistema de Política ou Tratado de Sociologia que Institui a Religião da Humanidade*, que constitui verdadeiro tratado de sociologia, onde se busca ensinar a arte de bem governar os povos, na perspectiva positivista. Comte buscava, por meio da idéia de pacto social positivista, convencer os trabalhadores a aceitar, sem revolta, a dominação da burguesia. *O Apelo aos Conservadores*¹ é um nítido roteiro para os políticos, cujo conteúdo discorre, sob o seu ponto de vista, sobre como se devem utilizar todas as forças humanas em benefícios dos povos. Ele considerou que este documento é “o complemento necessário do Catecismo Positivista, em que a conduta actual não fôra de modo algum determinada”.

No pensamento político de Comte, as palavras “conservador” e “retrógrado” têm um significado altamente positivo. Comte, ao apreciar a história geral da palavra “conservador”, considera que ela se refere “à política mais adiantada” (COMTE, 1899, p. vi). Ele considera que o partido conservador representava a superioridade mental e moral

sobre seus adversários e que o título de “conservador” assinalava “a aptidão para conservar até que se pudesse construir”.

Como observamos, não é possível estudar as relações entre positivismo, política e educação, sem retomar a lei dos três estados, pois ao interpretar a história da humanidade, sob a ótica de conhecimento que os seres humanos podem ter dividiu-a em três estados e estava convencido também de que a humanidade caminhava, inexoravelmente, para o estado positivo, no qual a racionalidade se imporia sobre as opiniões veiculadas pelas religiões e pela filosofia. Comte entendia que a reforma da sociedade seria possível, por meio da religião, a qual, no estado positivo, tinha de ser também ela positiva.

O estado teológico, cujos poderes imutáveis foram fundados na autoridade, teria como forma política correspondente a monarquia aliada ao militarismo. A mentalidade teológica, segundo Comte, desempenharia função relevante de coesão social, fundamentando a moral. No estado metafísico, a mudança política dar-se-ia com as teorias contratualistas, onde ocorreria a substituição dos reis pelos juristas; entendendo a sociedade como originária de um contrato social e onde o Estado é baseado na soberania do povo. Por fim, no âmbito do político e do social, o estado positivo assinala a passagem do poder espiritual para a direção dos sábios e cientistas e do poder material para a direção dos industriais.

Como no estado positivo a convicção deve surgir da força da racionalidade em que administração e governo são para a militância do positivismo político, uma questão de “competência” e não de disputa pelo voto. Conseqüentemente, numa sociedade industrializada, tecnicizada, o governo cabe por “competência” à elite científico-industrial. Frente a estas considerações, observamos que Comte opôs-se aos princípios liberais, ainda que o positivismo não deixasse de exprimir a realidade de um setor da burguesia vitoriosa e instalada no poder político e desejosa de

interromper o processo revolucionário. Do ponto de vista do marxismo, por se somar politicamente a este setor da burguesia triunfante, Comte é predominantemente um contra-revolucionário; o que não significa que não tenha formulado propostas acerca da vida cultural e material dos trabalhadores.

Na realidade, uma vez triunfante, a burguesia passou a pregar a “ordem contra o caos”, assim buscou secundarizar as camadas populares que tencionavam maior radicalidade revolucionária. A partir daí, a dinâmica da história europeia se caracterizará mormente pelo conflito entre o liberalismo econômico e político da burguesia e as teorias socialistas (utópicos, anarquistas e comunistas) que procuravam encarnar as exigências de fazer avançar o processo revolucionário rumo a uma sociedade economicamente igualitária.

Foi no âmbito do positivismo que a burguesia triunfante reelaborou sua interpretação de sociedade. Quando, em 1848, o processo revolucionário começou a arrefecer sob a direção da burguesia, ela perdeu o interesse por novas investidas no sentido de, realmente, levar a radicalidade de seu “programa” às últimas conseqüências. A racionalidade científica é limitadora das possibilidades de conhecimento, uma vez que só é objeto de ciência aquilo que se enquadrar no método científico de quantificação. Foi esta racionalidade científica que começou a ser invocada como justificadora da ordem burguesa estabelecida, com pretensões à perpetuação.

O pensamento de Comte se esmerou em limitar a razão, em definir quadros, em defender a “ordem” e passou a repelir a revolução e a luta de classes, pois considera que a revolução é o caos e somente a ciência levará a um progresso ordeiro. A idéia de “progresso” é entendida naturalisticamente como necessário para o bem-estar material. O positivismo compreende o vir-a-ser como um conflito mecânico de seres e de forças mediante a luta pela existência, que determina uma seleção natural, por meio da qual se dá a eliminação



do mais imperfeito e a sobrevivência do mais perfeito. Comte não pretendia revolucionar, mas “conservar” o que pensava ser importante. *Ordem* para Comte significa respeito aos princípios invariáveis ou ao conjunto de leis que regem o mundo e a humanidade e *progresso* significa aperfeiçoamento das instituições sociais.

Mais precisamente, como podemos constatar na concepção de Comte, estes dois termos (*ordem* e *progresso*) têm uma grande importância em ciência política: *ordem* refere-se ao conjunto de princípios que regem a organização universal e *progresso* refere-se ao aperfeiçoamento das cinco instituições sociais da estática social: família, capital, linguagem, governo e sacerdócio. A sociologia foi estudada por Comte sob o ponto de vista estático (ou em sua estrutura no que se refere à *ordem*), depois no aspecto dinâmico (no que tange ao *progresso*).

É neste sentido que o pensamento de Comte – objeto central deste artigo – também apresenta preocupações políticas e educativas, bem como um projeto de ser humano e de sociedade. Fundamentalmente o positivismo caracteriza-se por três preocupações centrais: a) uma filosofia da história onde encontramos as bases de seu pensamento e sua conhecida “lei dos três estados” que marcam as fases da evolução do pensar humano (“teológico” — fase onde os homens recorrem a deuses para explicar o mundo —; “metafísico” — fase atéia e filosófica —; e “positivo” — fase positiva ou científica); b) uma classificação das ciências (matemática, astronomia, física, química, fisiologia e sociologia); c) a elaboração de uma disciplina para estudar os “fatos sociais”, o que Comte denominou inicialmente como “física social” e posteriormente como sociologia, pois, em sua concepção, existem fatos sociais como existem fatos físicos.

A lei dos três estados, portanto, é a espinha dorsal do pensamento de Comte. Segundo Comte, a lei dos três estados preside não somente a evolução da humanidade em

geral senão ainda a formação de cada ciência e ao desenvolvimento individual de cada ser humano. Para ele o primeiro estado é provisório, o segundo transitório, o terceiro definitivo. Neste escrito, Comte afirmou que havia chegado o tempo de os biólogos e sociólogos ocuparem o primeiro posto na esfera intelectual. Na realidade, Comte pensou que a filosofia positiva deveria redundar em duas fases; na primeira buscaria aplicações políticas e na segunda, a fundação de uma nova religião. Em razão disso ele mesmo considerou que na primeira fase foi uma espécie de Aristóteles e na segunda uma espécie de Apóstolo Paulo.

Comte foi influenciado por uma gama de autores. Neste sentido, queremos chamar a atenção para uma de suas influências que foi o livro de Condorcet — *Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano* — que, como enuncia seu título, traça um quadro do desenvolvimento da humanidade, no qual os descobrimentos e invenções da ciência e da tecnologia têm função fundamental, fazendo o ser humano caminhar para uma era em que a organização social e política seria resultado da razão (cf. GIANNOTTI, 1978, p. vi). Como vimos, porém, Comte temia a “desorganização social” trazida pela idéia de revolução e isto fez com que ele, posteriormente, abandonasse a teoria do progresso pensada por Condorcet tendo em vista que o conteúdo de “revolução permanente” descrito por este inspirou e passou a ser desenvolvida por pensadores das teorias socialistas como Victor Considerant – discípulo de Fourier – que escreveu:

Eu vos digo que, verdadeiramente, a Revolução que proclamou a chegada da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade não está terminada. Não terminou com a conquista dos direitos políticos do Povo. Ela só se completará com a encarnação, NOS FATOS SOCIAIS, daqueles três grandes termos filosóficos e cristãos: LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE. Isto é, a Revolução será PERMANENTE até que esteja em vias de organização uma

sociedade capaz de substituir, da base ao alto, (...) o acordo pela luta, a paz pela guerra, a liberdade de todos pela escravidão da maioria, e por fim, a riqueza geral por todas as gradações da miséria – aí incluída a miséria dos egoístas e mesmo aquela dos bons ricos (BENOIT, 1999, p. 27).

Alguns autores argumentam também que a lei dos três estados já se encontrava, em germe, nos escritos de Saint-Simon, de modo particular no Prospecto dos Trabalhos Científicos Necessários para Reorganizar a Sociedade. De fato, para Saint-Simon, a crise dos trabalhadores poderia ser resolvida somente pondo à frente da sociedade os grandes industriais e os homens de ciência. Assim, na direção da vida social quanto ao “aspecto espiritual” os cientistas deveriam ocupar o lugar do clero, e quanto ao “aspecto econômico” os industriais deveriam ocupar o lugar da nobreza. Com tais preocupações, Saint-Simon escreveu o *Catecismo dos Industriais*, que se tornou inspiração para o *Catecismo Positivista* que Comte iria escrever mais tarde. Dessa forma, para a sociedade organizada era necessário um novo cristianismo, através do qual o divino é imanente na sociedade humana e o reino de Deus na terra seria constituído pelo amor ao próximo.

Na realidade, quando Comte conheceu Saint-Simon acabou se tornando seu secretário e escreveu algumas partes de um dos cadernos de *Indústria*, publicado por Saint-Simon, que lançou também *O Político* com o qual Comte voltou a colaborar, bem como no *O Organizador*, publicado com a assinatura de Saint-Simon. Entre o pensamento de ambos encontramos afinidades e divergências e isto fez com que, anos mais tarde, Comte tecesse críticas a Saint-Simon. Comte entendia que a igualdade dos seres seria desastrosa; ela perturbaria radicalmente as condições de existência e desenvolvimento e citou o fato de que não existe igualdade nas espécies animais. Inclusive, no que se refere ao sexo feminino, Comte escreveu

que deveria ser vedada à mulher a alta direção dos negócios humanos, não somente em ciência e filosofia, mas até no terreno estético, na vida prática e, com maior razão, na vida industrial e militar. Ele fundamenta seu ponto de vista se referindo ao que considera “inaptidão característica para a abstração e para a luta”, além da “incapacidade para separar as inspirações passionais de uma tarefa racional”.

Comte enalteceu a mulher e transformou-a em símbolo maior (a humanidade), de tal maneira que a característica distintiva da inferioridade da mulher (a afetividade) foi elevada ao patamar mais alto do culto positivista. Segundo ele, a mulher – que simboliza a maioria dos seres humanos de inteligência inferior – se torna o principal auxiliar do sacerdócio positivista no que se refere à educação moral das massas populares. Comte e Saint-Simon não definiram as classes sociais a partir da posição que os grupos sociais ocupam no processo de produção e defenderam a necessidade de um “pacto social dos produtores”.

Saint-Simon, portanto, não considerava a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, ao contrário admitia ser possível reformar a sociedade mediante a “boa vontade” e a “participação de todos”, na perspectiva de um “novo cristianismo”. Uma das divergências entre Saint-Simon e Comte refere-se ao fato que o primeiro tinha planos de ação prática imediata, no âmbito do socialismo, fazendo a defesa explícita da “classe numerosa e mais pobre” e o segundo pensava que, antes da reforma social, seria preciso propiciar aos seres humanos novos hábitos de pensar de acordo com o estado das ciências de seu tempo, mostrando as razões pelas quais a filosofia positiva deveria imperar na sociedade, instaurando a nova ordem por meio da religião da humanidade. Mas, ele preocupou-se com a aplicação prática de sua elaboração. Segundo Comte, caberia à sociologia determinar a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitindo a reforma agrária das

instituições. Acrescente-se a isso que o plano de renovação social teria uma forma religiosa. Ele queria que a sociologia fosse uma ciência aplicável a todas as sociedades, independentemente de local ou época.

Ainda que, mais tarde, tenha rompido com ele, Comte reconheceu a influência que Saint-Simon exerceu sobre a elaboração de sua própria filosofia e chegou a escrever:

Pela cooperação e amizade com um desses homens que vêm longe nos domínios da filosofia política aprendi uma multidão de coisas, que em vão procuraria nos livros; e no meio ano durante o qual estive associado a ele meu espírito fez maiores progressos do que faria em três anos se eu estivesse sozinho; o trabalho (...) desenvolveu minha concepção das ciências políticas e, indiretamente, tornou mais sólidas minhas idéias sobre as demais ciências (GIANNOTTI, 1978, p. vi).

Nesta direção, Comte buscava reformar a vida social e política de modo a constituí-la numa nova unidade, não mais sobre a base da religião tradicional, mas sobre a base da nova religião da ciência positiva. Partindo da idéia que os fenômenos sociais se acham subordinados a leis necessárias como os fenômenos de ordem físico-química, Comte dividiu a sociologia (ou física social) em estática e dinâmica. A “estática” tem por objeto o estudo do equilíbrio social e das condições que asseguram a permanência da sociedade. A “dinâmica” investiga, com o método positivo, as leis do progresso. A preocupação central de Comte era eminentemente político-educativa na medida em que considerava que a sociedade somente pode ser adequadamente reorganizada por meio de uma completa reforma intelectual do ser humano.

Segundo o positivismo o governo se fundamenta na “competência”, deixando de fazer sentido a “soberania popular”, que é considerada uma expressão sem significado, circunscrevendo-se o direito ao cumprimento

do dever. Comte, partindo da noção de “solidariedade” - que em sua opinião deve imperar na sociedade - apresentou uma política, substituindo a idéia “sobrenatural” do Direito pela idéia “natural” do Dever. Outrossim, Comte deu ênfase à hierarquia e obediência, rejeitando a idéia de democracia, própria do liberalismo, e sustentou que o governo ideal seria constituído por uma elite intelectual. Do ponto de vista da política, Comte defendeu inicialmente a conservação da propriedade privada e fez uma defesa das teses político-liberais, mas, posteriormente, em sua maturidade de pensador ele reputou como prematuro este posicionamento. Assim, para ele a propriedade privada estava subordinada às necessidades sociais. Ao seu modo ele procurou defender o bem estar material dos trabalhadores e a distribuição da riqueza. Como escreveu Bosi:

Foi do positivismo social de Comte que fluiu uma primeira vertente ideológica voltada para retificar o capitalismo mediante propostas de integração das classes a ser cumprida por uma vigilante administração pública dos conflitos. A sua inspiração profunda é ética e, tanto em Saint-Simon, quanto em Comte, evoluiu para um ideal de ordem distributivista (BOSI, 1992, p. 282).

Comte classificou como “metafísica” a doutrina dos direitos do homem e da liberdade, argumentando que, assim como não há liberdade de consciência em astronomia, uma política realmente científica pode impor suas conclusões. Conseqüentemente, aqueles que não compreenderem a “política científica” terão que ou se submeterem pela força ou então acatarem mediante o equivalente à fé na religião positivista.

O crescimento do proletariado industrial foi o principal problema social da época de Comte e o seu posicionamento político não foi revolucionário e a idéia de instigar a luta de

classes não fazia parte de seu pensamento; ele considerava que todas as medidas sociais deveriam ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre os trabalhadores. Considerava que o proletariado poderia abrandar o egoísmo dos capitalistas e que uma ordem moral humanitária poderia abolir todos os conflitos de classe. Assim, nesta perspectiva os capitalistas seriam moralizados e não eliminados.

Comte buscou um novo ponto de vista sobre a ciência, a política e a religião que esclarecesse a filosofia considerada apropriada às sociedades industriais e que abrisse o caminho para uma organização política que estivesse à altura da capacidade industrial e científica das sociedades modernas. Assim, ele considerava que o problema político não poderia ser resolvido sem a participação prática e teórica de todos os “proletários”: o homem positivista deveria praticar a matemática e ter conhecimentos de astronomia, (por isso Comte defendia a utilidade do ensino popular e gratuito dessa disciplina), física, química, biologia e sociologia. Ele entendia que os seres humanos deveriam adquirir rigor, precisão e aptidão sintética para trabalhar em consenso por um fim eficiente, prático, social e político. A unidade política era identificada com a convergência dos entendimentos individuais, com a grande harmonia produzida pela religião.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comte tinha preocupações políticas e educativas e o objetivo deste artigo foi esboçar, a partir de algumas notas, algumas teorizações que ele realizou no âmbito de seu pensamento como resposta e como proposta. Assim, Comte compreendia que não seria por meio de revoluções ou golpes de Estado que seu pensamento iria prevalecer e sim por meio da educação positiva. Ao interpretar as idéias políticas da época em que viveu, Comte indicou três correntes: “os retrógrados” (que defendiam

seus últimos redutos de forma petrificada), “os anárquicos” (que promoviam a destruição das instituições de forma revolucionária) e “os conservadores” (que asseguravam a estabilidade social de forma estacionária). Dentre estas forças político-educativas Comte preferia a dos conservadores.

O pensamento de Comte contém três elementos nucleares que se articulam num sistema: uma teoria da ciência, um pensamento político de reforma social e uma religião. Este artigo procurou focar especialmente os aspectos político-educativos, ainda que estes somente possam ser compreendidos no conjunto de sua filosofia porque o pensamento de Comte é um sistema em que não é possível referir-se a algum ponto isoladamente, pois a função da ciência social é dupla: conhecimento da realidade e aplicação sobre ela. Assim é explicitada a finalidade do pensamento de Comte: reorganização da vida social, com o intuito de tirar a humanidade do estado anárquico, de crise, para uma nova idade orgânica, de predomínio da ciência, com o abandono da metafísica e da teologia, no qual se dará a completa unidade do poder temporal com o espiritual, como havia acontecido com a ordem católica e feudal da Idade Média que, aliás, foi muito admirada por Comte. Sob este aspecto de unidade, ele atacou o protestantismo por considerá-lo uma religião negativa que levava à anarquia intelectual e à divisões.

Daí ser plenamente compreensível, de acordo com a sua lógica, que no seu escrito *Sistema de Política Positiva*, predominem os propósitos práticos, em detrimento dos teóricos ou filosóficos e onde ele constitui a chamada religião da humanidade (substituindo o Deus cristão pela deusa Humanidade), com símbolos, sociolatria, sociocracia, sacerdotes, catecismo. Assim, o positivismo passou a ter na história da filosofia aspectos religiosos, de um credo baseado na ciência, com culto, santos, templos, altares, etc. O Catecismo Positivista, como afirmamos ao longo do texto, resumiu claramente esta conotação. Portanto, os

propósitos de reforma social e intelectual de Comte não se limitaram a uma política e se desenvolveram em direção da formulação de uma nova religião da humanidade.

Comte entendia, portanto, que o estado positivo é de maturidade intelectual e segundo ele as cinco ciências: matemática, astronomia, física, química, biologia (na qual absorvia a psicologia) já haviam atingido o nível de positividade. Entretanto, ele avaliava que o caminho da humanidade estaria plenamente percorrido somente quando a última das ciências – a sociologia – atingisse o mesmo nível, pois existem fatos sociais como existem fatos físicos. Essa é a tarefa que ele se propunha a executar, buscando eliminar o antagonismo de opiniões.

Para Comte havia uma relação necessária entre a religião da humanidade instituída na política. Ou em outras palavras, entre a base filosófica e a construção religiosa como novo poder espiritual. Para ele a esfera política (ou da atividade coletiva) desdobra-se em ação do homem sobre o próprio homem e sobre a indústria. Portanto, a esfera política é de maior importância para o destino da humanidade ao focalizar essencialmente a educação.

Comte pensava que todos os seres humanos guardam em si instintos tanto egoístas quanto altruístas. A educação, portanto, deveria assumir a responsabilidade de desenvolver nos jovens o altruísmo e não o egoísmo, mostrando a eles que o objetivo mais nobre é dedicar a vida às outras pessoas. O pensamento comtiano levava em consideração os fenômenos observáveis e considerava anticientíficos os estudos dos processos mentais do observador. Na educação isso acarretou ênfase na aferição da eficiência dos métodos de ensino e do desempenho do aluno. A concepção planejada das reformas sociais que Comte considerava necessárias não era compatível com a democracia, sempre imprevisível e conflituosa. Assim, a ciência positiva era considerada por ele como o



fundamento da “fraternidade entre os seres humanos”, porém a responsabilidade pela condução do aperfeiçoamento das instituições estaria a cargo dos cientistas. No estágio positivo não haveria lugar para o individualismo, apenas para o desenvolvimento da solidariedade e do “altruísmo”. O pensamento político de Comte repelia as revoluções e transformações bruscas, e pressupunha uma evolução ordeira da sociedade.

Do ponto de vista ideológico-educativo, na sociedade pensada por Comte ele considerava importante a educação gratuita e ao alcance de todos os trabalhadores, visto que eles devem participar das “riquezas espirituais” acumuladas ao longo dos séculos. Buscando concretizar isso ele montou uma biblioteca positivista, que chamou “Biblioteca Proletária” destinada aos trabalhadores na sociedade moderna (cf. COMTE, 1946). Em termos de política, ele avaliava que tudo se reduzia em fazer estabelecer pelas forças combinadas dos sábios europeus, uma teoria positiva distinta da que era praticada, e tendo por objetivo a concepção do novo sistema social correspondente ao estado das luzes, de modo que os sábios deveriam elevar à política a categoria das ciências de observação. Assim, da política tratada cientificamente adviriam conclusões tão certas quanto a mencionada em astronomia, de modo a cessar o que considerava anarquia social (LACERDA, 2000, p. 21) e instaurar aquilo que Comte denominou “ditadura republicana” do positivismo.

A ditadura republicana (ou monocracia republicana) é o modo governativo típico do positivismo, que garantiria uma estrutura política e econômica conformada por um substrato moral próprio, caracterizado pelo tipo então predominante de religião (elemento regulador do conjunto social). De modo que os regimes políticos devem corresponder às realidades sociais pertinentes ao Estado de civilização em que vigoram, modificando-se na proporção em que se renova.

Conseqüentemente, o governo positivista é incompatível com a realeza, com a aristocracia, e com o parlamentarismo, por isso é ditatorial² ou, como chamou Comte, “monocracia republicana” que, segundo os positivistas, deveria ser entendida como “presidencialismo de liberdade.”

Em termos de teoria política, a concepção de Comte sobre o contrato social é diferente das de seus predecessores (Rousseau, Locke, Hobbes) porque ele entendia que o pacto originário não poderia naquele momento ser firmado entre “indivíduos”, e sim entre “classes sociais” (o proletariado e os “ricos ativos”). Assim, os chefes temporais tinham “o dever de proteger” e os seus inferiores, “o dever de se submeter”. No sistema a ser concluído, o poder espiritual ficará nas mãos dos sábios e o poder temporal pertencerá aos chefes dos trabalhos industriais. Caberá às inteligências positivistas o trabalho de criação da teoria científica, base da organização positivista da sociedade e elemento teórico central para a suspensão do processo revolucionário.

De acordo com Comte, a religião é o poder (espiritual) capaz de concretizar a ordem social ou o estado de completa unidade que distingue nossa existência, ao mesmo tempo pessoal e social, quando todas as suas partes, tanto morais como físicas, convergem para uma destinação comum. Podemos concluir, portanto, que o devir conceitual da sociologia, que lentamente foi sendo constituído pelos entrecruzamentos das categorias epistemológicas da economia política, da história, da biologia, coerentemente, no seu final terminou sob o paradigma da religião. Os hibridismos sociológicos reduzem-se agora às cláusulas morais do pacto da desigualdade econômica imposto pelo moderno contrato de trabalho.

A sociologia manifestava-se assim finalmente como a esperada e perfeita “ciência” da ordem burguesa, a “religião”, saber abertamente ideológico que substitui agora a economia política. Para “re-ligar” harmoniosamente entre si as partes que firmam o contrato de trabalho na época industrial, mas sobretudo para impedir que a revolução permanente continuasse o seu curso ininterrupto no sentido da igualdade e de outras eventuais exigências da vontade geral do proletariado, foi assim, por último concebida a Religião da Humanidade, paradigma teórico derradeiro, capítulo conclusivo e imprescindível da “ciência social” — a sociologia —, híbrida sabedoria fundada por Augusto Comte (BENOIT, 1999, p. 384).

T & M

Texto recebido em fevereiro de 2006.
Aprovado para publicação em junho de 2006.

4. SOBRE O AUTOR

Gilmar Henrique da Conceição é Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Campus de Cascavel. Líder do Grupo de Pesquisa em História e Historiografia na Educação. Endereço eletrônico: ghconceicao@unioeste.br.

5. NOTAS

1. As citações relativas a este documento seguem a grafia do livro consultado, cuja edição é de 1899.
2. À “ditadura republicana” cabe manter energicamente a ordem material da sociedade e Comte entende por ditadura por “ditadura” a separação dos dois poderes (espiritual e temporal) principal base do regime, em consequência de sua natureza estritamente prática. Ele argumenta que não se trata de “autoritarismo liberticida” e sim conciliação de autoridade de quem governa com a liberdade de quem é governado.



CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. "Positivismo, política e educação: notas acerca do pensamento político comtiano". *Revista Temas & Matizes - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação* - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 43-56.

6. REFERÊNCIAS

- BASTOS, T. "As guerras e o espírito militar". *O Positivismo – Revista de Filosofia*. Porto: Livraria Universal, 1879.
- BENOIT, L. O. *Sociologia comtiana: gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BOSI, A. "O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração". In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: Edusp, 2004.
- . *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRAGA, T. "Bases positivas das theories socialistas". *O Positivismo – Revista de Filosofia*. Porto: Livraria. Universal, 1879.
- . "Mentalidade positiva". *O Positivismo – Revista de Filosofia*. Porto: Livraria Universal, 1879 (Primeiro Volume).
- BRÉHIER, E. "A Filosofia Social na França: Augusto Comte". In: —. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977 (Tomo II: A Filosofia Moderna. O Século XIX: Período dos Sistemas: 1800-1850).
- CHATELET, F. "História das Idéias". in: *A Filosofia e a História de 1780-1880*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- COMTE, A. *Apelo aos conservadores*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899.
- . *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- . *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- . *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- . *Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- . *Le prolétariat dans la société moderne*. Paris, 1946.
- CONCEIÇÃO, G.H. da. *O partido militar e as escolas do exército*. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- GARCIA PAULA, R. D. de. *O Positivismo e a Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro, 1981.
- GIANNOTTI, J. A. *Comte: vida e obra*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Col. Os Pensadores).
- GRAEBIN, Cleusa; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Revisitando o Positivismo*. Canoas: La Salle, 1998.
- LACERDA NETO, A. V. de. *Sociologia Comtiana*. Disponível em:
<<http://membros.lycos.fr/clotilde/contactacts/arthur/sociologia.hmt?>>. Acesso em: 13/03/2007.
- LACERDA, G. B. de. "Elementos estáticos da teoria política de Augusto Comte: as pátrias e o poder temporal". *Revista de Sociologia e Política*. N. 23 – Novembro de 2004, p. 63-78.
- LACERDA, A. V. de. *A república positivista*. Curitiba: Juruá, 2000.
- LEMONS, J. de. *Augusto Comte e a instituição positiva da alma humana*. Rio de Janeiro: Laemmert, s. d.
- MARCUSE, H. *Razão e revolução*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- MATTOS, J. de. "A religião do futuro". *O Positivismo – Revista de Filosofia*. Porto: Livraria Universal, 1879.
- . "Origens da Família". *O Positivismo – Revista de Filosofia*. Porto: Livraria Universal, 1879 (Primeiro Volume).
- SOARES, M. P. *O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: AGE; Ed. da Universidade, 1998.
- SCIACCA, M. F. *História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1966.
- TISKI, Sérgio. *A questão da religião em Augusto Comte*. Londrina: Eduel, 2006.
- TRINDADE, Helgio (Org.). *O Positivismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber